

**“ELES NÃO PODEM ME PROIBIR DE EXISTIR
AQUI TAMBÉM”:** HOMENS GAYS ENTRE A
CIDADE E A INTERNET EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES, RIO DE JANEIRO

**“THEY CAN’T FORBID MY EXISTENCE HERE TOO”:
GAY BODIES BETWEEN THE CITY AND THE
INTERNET IN CAMPOS DOS GOYTACAZES,
RIO DE JANEIRO**

¹ Universidade Estadual
de Campinas | Instituto de
Geociências | Programa de
Pós-Graduação em Geografia
| Cidade Universitária Zeferino
Vaz, 13083-872, Barão Geraldo,
Campinas, SP, Brasil | E-mail:
<f262924@dac.unicamp.br>.

Fernanda de Faria Viana Nogueira¹
ORCID ID: [0000-0001-5848-4851](https://orcid.org/0000-0001-5848-4851)

RESUMO

Ao olhar para os corpos dos homens gays que participaram da pesquisa em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, uma outra perspectiva de entendimento da existência na cidade se sobressalta: a internet. Sendo apresentada como um importante espaço em que a construção de suas identidades também se faz como disputa de afetos, representatividade e tensões, a internet é vivida aqui como uma pulsante ambiguidade. Assim como, nas experiências vividas na cidade, a internet é vivenciada por esses gays como, ao mesmo passo, violentamente enclausurante e uma possibilidade de subversão, de refúgio. Nessa perspectiva experienciada com os interlocutores da pesquisa na qual se situa e é discutida este trabalho, a internet e a cidade de Campos dos Goytacazes se encontram e se fazem em um enlace contínuo, reverberando os caminhos e as complexidades de se constituir enquanto homem gay entre a cidade e a internet.

Palavras-chave

Experiência. Homossexualidade. Identidade. Subversão.

ABSTRACT

Looking at the bodies of gay men who participated in the research in Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, another perspective for understanding the existence in the city stands out: the Internet. An important space in which identity construction is also done as a dispute of affections, representativeness, and tensions, the Internet incarnates a pulsating ambiguity. Just like in the experiences lived in the city, the Internet is experienced by these men as violently enclosing and, at the same time, as a possibility of subversion and refuge. As this perspective experienced with the research interlocutors provides a frame to situate and discuss this work, the Internet and the city of Campos dos Goytacazes

Como citar este artigo
How to cite this article

Nogueira, F. F. V. “Eles não podem me proibir de existir aqui também”: homens gays entre a cidade e a internet em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. *Pós-Limiar*, v. 5, e225567, 2022. <https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5567>

Recebido em 28/1/2022 e
aprovado em 8/3/2022

meet and are made in a continuous link, reverberating the paths and complexities of self-constituting as a gay man between the city and the Internet.

Keywords

Experience. Homosexuality. Identity. Subversion.

INTRODUÇÃO

Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do estado do Rio de Janeiro, cidade em que se realizou a pesquisa a partir da qual este trabalho se desdobra, é conhecida por sua grande extensão territorial, sendo o município de maior dimensão do estado.

Ao olhar para a realidade dos corpos que historicamente se desviam do padrão estabelecido pela sociedade, a vivência é uma janela que escancara violências diversas, mas também subversões e avanços nas possíveis aberturas de existência (Santos, 2016). Entendo neste trabalho que, ao abordar o sentido de corpos, trato de sua situação de enlace com e no mundo, me debruçando sobre suas formas de ser e estar nele (De Paula, 2017).

Desde as décadas de 1960 e 1970, o tradicionalismo age como forma de controle na e da cidade a partir de diversos grupos, como o conhecido TFP – Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade. Não foram raras as vezes em que grupos ligados a instituições religiosas, principalmente aquelas ligadas ao cristianismo, se colocaram contra o avanço dos direitos das minorias sociais. Como exemplo dessa afirmação, temos o caso da posição contrária das igrejas católicas da cidade na pauta aos primeiros passos em direção ao movimento de reforma agrária ainda nos anos de 1970. Além disso, também é possível citar as colocações contrárias e as condenações às articulações do início do que seria o movimento gay no final da década de 1990 (Santos, 2016).

Atentando para o processo de desenvolvimento histórico da cidade, é necessário dar espaço para que outra forma de exclusão apareça na apresentação referente à formação da cidade de Campos dos Goytacazes: a concentração fundiária e de renda que tem como consequência a disparidade econômica e social entre áreas da cidade. Campos dos Goytacazes é uma cidade econômica e socialmente desigual cujo passado proporciona continuidade nas tessituras desse fato, tornando possível visualizar isso de forma material na sua organização e no seu desenvolvimento urbano.

A economia, que desde os tempos de colonização, se concentrou na produção de poucos fazendeiros, hoje se reproduz em estrutura semelhante, fazendo com que grande parte da população da cidade se encontre em um lento processo de urbanização e/ou com significativa falta de oferta de serviços básicos como saúde, transporte, educação e lazer. Enquanto a parte central da cidade concentra esses serviços, as partes mais localizadas ao centro-sul e norte do município sofrem com a latente urgência deles (Nogueira, 2016).

Apesar de possuir uma história carregada de tradicionalismos e conservadorismos, bastante difundidos e influenciados pelas igrejas católicas e evangélicas, o movimento gay começa a tomar forma organizacional na cidade na década de 1990, expondo novas dinâmicas de abertura para construção de espaços para população LGBT+ (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e outros/outras) (Santos, 2016). Tem-se, portanto, uma dinâmica paradoxal na cidade, em que ao mesmo tempo em que são excluídas as vivências ditas marginalizadas por estarem fora do padrão heterossexual, também se apresentam fissuras e possibilidade de existência de afetos para esses sujeitos, o que também é possível observar acontecendo nas dinâmicas das redes sociais na internet.

Com objetivo de discutir a experiência de homens gays na cidade e na internet a partir das vivências em Campos dos Goytacazes, este trabalho tem como fio-condutor alguns questionamentos que permeiam as indagações a respeito da identidade gay, sua multiplicidade e sua experiência nos espaços da cidade e na internet. Como as relações virtuais também manifestam as vivências dos sujeitos de pesquisa se entrelaçando e criando espaços de experiências na cidade? Todas essas questões passam a ser centrais na construção desta proposta, que almeja desvelar e adentrar algumas vivências de homens gays que se fazem entre os espaços da cidade de Campos dos Goytacazes e as relações virtuais, na internet.

Para adentrar nessas questões, este trabalho, que é um desdobramento de uma pesquisa de mestrado em Geografia realizada entre os anos de 2017 e 2019, buscou fazer um mergulho no cotidiano das experiências de homens gays na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) e também para além delas, se debruçando, a partir dos caminhos percorridos com os colaboradores da pesquisa, em algumas relações desse emaranhado entre as dinâmicas e os movimentos da cidade e da internet.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Entendendo que a pesquisa busca olhar e compreender o processo de construção de identidade e as experiências de homens gays entre a cidade e a internet para que, assim, seja possível um desvelar sobre suas existências no enlace que se faz entre ambos. Optei, portanto, por um alinhamento aos métodos qualitativos de pesquisa.

Desse modo, o eixo central metodológico deste trabalho se atém a informações qualitativas que priorizam o discurso, as ações, os gestos, as dinâmicas e o grupo que colaborou com essa pesquisa. A pesquisa qualitativa se refere à produção de dados que em primazia dão ênfase às práticas elucidadas pelos colaboradores – isto é, aqueles que participaram da pesquisa –, descrevendo as experiências dos movimentos em que se busca observar o fenômeno.

As bibliografias lidas anteriormente e durante todo o trabalho de campo foram importantes para compreender o que provavelmente se encontraria na aproximação com os colaboradores da pesquisa. No entanto, como coloca Geertz (1978), não foi pelas teorias ou metodologias que os caminhos dessa pesquisa foram entendidos, mas a partir do que se viveu e do que foi observado com os verdadeiros “praticantes da ciência”: os homens gays que aceitaram participar deste trabalho. O objetivo mais importante, antes de qualquer outro, era construir uma relação de proximidade com eles, e foi a partir de um agir para e com eles que foi possível traçar e entender posteriores metodologias, teorias e métodos desta pesquisa (Dussel, 1977).

Para que fosse possível o diálogo com essa realidade, optou-se inicialmente pelo método de observação participante. Segundo Turra Neto (2012), apesar de algumas limitações e possíveis imparcialidades, a observação participante aproxima os pesquisadores e pesquisadoras dos sujeitos, permitindo usufruir de dinâmicas e diálogos extremamente importantes para a obtenção de dados para o desenvolvimento da pesquisa.

Sendo assim, abriram-se possibilidades de firmar uma relação de confiança entre a pesquisadora e seu objeto que, aqui, como posteriormente definido, denominei como colaboradores da pesquisa, permitindo também que as vivências sejam, a partir desse momento, enxergadas de “dentro” de sua realidade, não tendo um teor meramente especulativo, para que, com isso, não se reproduza uma narrativa artificial e distorcida (Colognese; Mélo, 1998).

Diante disso, a observação participante se constituiu por uma participação na vida dos observados, dos colaboradores participantes da pesquisa que, ao mesmo tempo em que apresentam seu contexto para mim e são, inevitavelmente, modificados pela minha presença, também me modificam, construindo uma relação verdadeira e real dentro de suas dinâmicas (Geertz, 1978). Foi partindo desse caminho, portanto, que os primeiros passos foram dados para os eventos que foram acompanhados e que aqui contam sobre as existências daqueles na cidade, na internet e entre as situações que se perfazem nesses espaços².

² A pesquisa não passou por avaliação em comitê de ética porque a universidade em que o estudo se desenvolveu não fez essa exigência.

O INÍCIO DA CAMINHADA: ALÉM DA RUA, ONDE MAIS POSSO SER PROIBIDO?

No ano de 2018 aconteceram eleições presidenciais no Brasil, o que coincide com o período de construção da pesquisa através da qual se desenvolveu este trabalho. Desde antes do início do período da propaganda eleitoral televisionada, os embates entre apoiadores de um ou outro candidato já ocorriam. A polarização que se constituía no país ficava cada vez mais evidente, principalmente quando o candidato – e atual presidente do Brasil –, Jair Messias Bolsonaro ganhava vantagem nas pesquisas de intenção de voto. Com as suas muitas declarações polêmicas que circulavam na internet sobre mulheres, negros e a população LGBTQ+, o atual presidente do Brasil fez com que milhares de pessoas fossem às ruas protestar contra sua candidatura e tudo o que ela representava. O ato de manifestação, ocorrido no dia 29 de setembro de 2018 em todo o Brasil, ficou conhecido como “#EleNão” devido à popularização da *hashtag* nas redes sociais.

Campos dos Goytacazes foi uma das cidades onde as manifestações ocorreram. Os manifestantes se reuniram na praça São Salvador, no centro da cidade, e, juntamente com a sua mãe, M., um dos colaboradores da pesquisa em questão, se unia à multidão que expressava suas inquietações com o cenário político que se formava. Estar ali com sua mãe era visivelmente uma conquista para ele. O processo de “aceitação” da sua orientação sexual pela sua família permeia uma trajetória de muitas dificuldades e conflitos e, por isso, ter o apoio da mãe naquele momento era importante. Juntos, M. e a mãe exibiam um cartaz que dizia “#EleNão porque tenho um filho viado!”.

Eles tiraram uma foto com o cartaz que pouco tempo depois foi postada nas redes sociais de M. Em algumas horas, a foto já tinha alcançado mais de cinco mil “curtidas” e milhares de compartilhamentos no *Facebook*, tendo uma repercussão significativamente maior e alcançando um número muito maior de pessoas do que as que estavam ali presentes naquele dia.

A foto de M. com sua mãe na manifestação espalhou-se pela internet. Com isso, os dias seguintes foram extremamente complicados. Mesmo com muitas pessoas comentando a foto de maneira positiva, apoiando-o e também se identificando com sua trajetória e reivindicações, a maior parte dos comentários eram ofensivos e vociferavam um ódio declarado ao M. e à sua mãe apenas por causa do conteúdo do cartaz, resultando até mesmo em ameaças de morte.

Os dias passaram e a foto continuou circulando e sendo ainda mais compartilhada. Durante uma conversa telefônica com M., eu o questioneei se não seria melhor excluir a foto devido às diversas ameaças à sua integridade física, mas M. prontamente respondeu: “Eu vou resistir não é nem por mim, mas por outros gays. Eles não vão me derrubar, não vão. Já basta eu ser proibido nas ruas, em todos os lugares. Eu não vou desistir. Eles não podem me proibir de existir aqui também”.

Ao olhar para o fenômeno que se abria diante das ameaças decorrentes da postagem de M., percebi o entrelaçamento inexorável entre existir na internet e existir na cidade. Na internet e nos espaços denominados “reais” – ou seja, espaços para além do virtual –, o corpo gay sofre violências com a herança de uma concepção que molda a construção de uma identidade marginalizada e deslegitimada pelas estruturas sociais – afinal, são essas estruturas que também atravessam o virtual, porque esse não se encontra descolado das existências para além dele.

Mas, assim como na cidade, na internet também há subversão, transformação e resistência desses corpos, tecendo novas e ambíguas problemáticas entre existir e se pensar nesses espaços. A internet, como colocada por M. e por mim observada na postagem da foto daquele dia, ao mesmo tempo em que promovia um sentido de comunidade e de aceitação, também escalonava as violências que por ele já eram sentidas em suas experiências ao andar pela cidade de Campos dos Goytacazes.

Pensar e viver as relações nas redes sociais durante o desenvolvimento da pesquisa não se mostrou uma situação trivial e simplória. Ao contrário, nos tensionamentos observados também me senti ameaçada e angustiada pela presentificação daquelas violências e ataques virtuais. Olhar para as relações virtuais e elaborar sobre as situações que ocorreram tornou-se, portanto, essencial para entender as experiências dos homens gays.

Por ser uma possibilidade de vivência onde ele quer estar e, mais, onde ele sente urgência de estar e de construir caminhos de abertura para outros gays, a internet pode ser pensada como um atravessamento na construção dessa identidade. No entanto, quais são os desdobramentos dessa perspectiva? Ao olhar para a ambiguidade presente na experiência de M., é possível pensar questões sobre a construção de identidades que ressoam aspectos presentes nessa situação vivida por ele e também por outros colaboradores da pesquisa, embora de distintas maneiras.

TROPEÇAR E SE REERGUER: A INTERNET NOS FAZ PENSAR EM UM “NÓS”?

Fazer o exercício de olhar para experiência dos gays na cidade de Campos dos Goytacazes me fez entender que era necessário dar um passo para trás. Em outras palavras, percebi que era necessário que fosse também discutida parte da história que constitui e influencia a construção de uma identidade atravessada pela sexualidade na sociedade. Essa discussão endossa o que muito foi ouvido e vivido por mim no trabalho de campo e explica, histórica e socialmente, questões que necessitam de atenção quando fazemos referência à identidade gay e à maneira como ela é lida, sentida e entendida nos espaços – para os que a vivem e também para os que estão “de fora”.

As experiências carregam uma história de significados que estão em relação intrínseca com sua existência, pois estão sempre em construção com uma cultura e são continuamente por ela influenciadas. São nossos corpos que ancoram a identidade, e, assim, eles fazem-se socialmente, culturalmente e politicamente situados (Louro, 2000). Todas essas condições são inconstantes e flexíveis, e assim também se fazem os corpos e identidades que neles se situam.

Desse modo, como deveria ser entendida a identidade nesse sentido do trabalho sobre a experiência dos gays? Haveria uma identidade gay que pudesse em algum ponto representar todos os colaboradores da pesquisa – mesmo que essa se faça uma amostra de um microuniverso? Até que ponto se daria a reivindicação de uma única identidade gay que os representasse?

Segundo Hall (2006), na modernidade, as identidades estão sob inconsistências. Antes do século XX era possível se admitir um “modelo” de identidade fechado e facilmente definível, mas, nos dias de hoje, as identidades estariam em aberto, em constantes mudanças, sempre passando por processos de reformulação. Em particular, as identidades culturais estariam atravessadas por essas mudanças constantes devido aos processos de globalização em que os espaços estão. As identidades, dessa maneira, estariam sendo incessantemente “descentradas” por suas próprias forças.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o ‘penso, logo existo’ do sujeito de Descartes (Hall, 2006, p. 36).

Nesse sentido, em consonância, Castells (2010) afirma que a identidade se faz por processos sociais. As identidades são construídas socialmente e seriam, sobretudo, a fonte de significado e experiência de um povo. Nunan (2003, p. 182) complementa ainda que as identidades podem ser compreendidas como “[...] tudo aquilo que o sujeito experimenta e descreve como sendo ou fazendo parte de si”.

Além de híbridas, as identidades com as quais se conversou e que foram observadas são também entendidas como identidades de resistência. A identidade de resistência tratada aqui, mais especificamente, é a que Castells (2010), em sua obra “O poder da Identidade”, coloca como sendo construída a partir de ações de resistência. Segundo o autor, é estimado que esse seja o tipo mais relevante de formulação de identidades na sociedade. É a partir dela que podemos observar resistências que se originam em face a repressões, dando forma a comunidades que, sem esse apoio, não sobreviveriam em um mundo que as limita por vias de várias instâncias.

Ter um senso de “nós” fortalece o sentido de identidade dos sujeitos, fazendo com que esse procure respeito para si próprio e orgulho dentro do seu grupo. Visto que a identidade dos homossexuais é estigmatizada na cultura atual, o pertencimento a um grupo que rejeita os valores heterossexuais permite a afirmação de sua individualidade e normalidade perante uma sociedade que os condena (Nunan, 2003).

A comunidade LGBTQ+ e, especificamente, nesta pesquisa, os homens gays, se adequam em partes nessa forma de entender a identidade, pois, como já mostrado anteriormente, têm sua história atravessada por marginalizações que deslegitimaram suas existências por muito tempo, o que ainda ocorre atualmente por meio da homofobia, por exemplo. Sobre isso, destaco a fala do L., colaborador da pesquisa, que enfatiza a importância de algumas referências para o seu conhecimento e “aceitação” enquanto homossexual.

Tudo isso que tá acontecendo é muito importante... Eu acredito que os adolescentes que se entendem gays hoje vão ter mais facilidade que a gente, entendeu? É tão importante ter a Pablllo, a Linn. Essas pessoas ocupam espaços muito importantes, mostram que tem gente igual a gente alcançando coisas importantes, mostrando que a gente existe, dando a cara a tapa pro preconceito (L., em entrevista concedida em 2018).

As duas cantoras citadas por L. são referências na cena LGBTQ+ no Brasil e no mundo, tendo surgido e ganhado repercussão pelo conteúdo que elas criaram, que circulou e ainda se propaga de maneira rápida na internet. Pablllo Vittar, que ficou conhecida como grande revelação do pop/funk em 2017, usa roupas determinadas como tipicamente “femininas”, performando, em muitos momentos, uma *dragqueen* e, por isso também, se tornou mundialmente conhecida por subverter o contexto da música pop no

Brasil. Semelhantemente, Linn da Quebrada, que também surge e teve seu trabalho ampliado pela internet, é uma cantora negra, militante e travesti que impõe, com sua música, fortes críticas à sociedade heteronormativa, a partir de uma realidade que ressoa o contexto de sua vivência na favela.

Bicha estranha, louca, preta, da favela
Quando ela tá passando todos riem da cara dela
Mas, se liga macho,
Presta muita atenção
Senta e observa a tua destruição (Bicha Preta, 2017).

Ainda sobre o contexto da representatividade dessas e de outras cantoras LGBTQ+ na internet, M. chama atenção para o seguinte problema: estereótipos. Muitas vezes, os homens que se identificam como gays, são automaticamente associados a essas representações por elas estarem constantemente aparecendo na mídia e circulando na internet de maneira crescente.

Eu concordo que é importante a gente ter uma Pablllo Vittar, sabe? Mas isso também é ruim. Você fala que é gay e automaticamente te associam a glitter, música pop, coreografia. Pode ser isso, mas, não é só isso. Tem gente que nem gosta dessas coisas e não vai ser menos gay por isso. Às vezes, isso mais separa a gente do resto das pessoas do que qualquer outra coisa (M., entrevista concedida em 2018).

Chamo atenção no parágrafo anterior para o fato de que entender a identidade gay dos colaboradores em questão como uma “identidade de resistência” é válida em alguns pontos por motivos que os próprios sujeitos da pesquisa reivindicaram quando entrei em contato com suas vivências. Ter que lidar com as adversidades – que muitas vezes têm sua representação materializada em diversas formas de violência –, de não estar dentro dos padrões de uma sociedade que institui a heterossexualidade como norma, aciona neles um discurso de identidade de resistência, de uma identidade gay que os representaria em partes como uma comunidade.

Essa seria uma resistência aos padrões, regras e estereótipos que aparece não só nas entrevistas, mas também nas conversas informais e vivências. No entanto, pelo mesmo motivo, me questionei se era necessário e viável encaixar vivências tão plurais e infinitamente mutáveis em um conceito de identidade gay que em uníssono ecoasse a “resistência” e tão somente isso. Por quê a identidade afirmada como “gay” aparece em seus discursos?

Mesmo estando ciente da força fluída e complexa que possui a identidade, constantemente tenta-se torná-la fixa e categorizá-la como forma de um parâmetro, de uma fortaleza intocável para que o indivíduo afirme ser quem é. Contudo, ao mesmo tempo em que esse processo de alguma maneira institui barreiras e restringe, de modo paradoxal ele também proporciona uma sensação de conforto e de pertencimento (Weeks, 2000, p. 90).

Podemos ver também que essa necessidade de proteção e pertencimento a partir da reivindicação de uma identidade é evocada por eles por se fazerem contrários à norma heterossexual, pelo que foi historicamente concebido como “natural”, padrão, regra. É possível entender, portanto, que a necessidade de afirmar essa identidade e se reconhecer como fora dessa norma age de forma a alimentar o ciclo de marginalização de suas identidades, e com isso, de alguma forma, reforça-se o padrão que ali já está dado.

No entanto, reconheço também, em coexistência de igualdade a isso, a importância que eles dão ao se reconhecerem parte de algum grupo, parte de algo que verdadeiramente os representa e os protege de certa maneira da realidade tão violenta que foi construída desde o século XIX (Weeks, 2000). É por esse principal motivo que para o trabalho surge esse sentido de uma identidade gay: reconhecendo sua insuficiência para a descrição de suas pluralidades, entretanto necessária na construção de suas trajetórias pessoais.

É exatamente isso que coloca M. quando relembra a figura de Linn da Quebrada como ruptura de uma identidade gay que é constantemente reforçada pelos meios de comunicação de massa. Sua experiência como uma mulher transexual, preta e afeminada está presente e transborda em seu trabalho com a música. A cantora representa o que é ser muitas identidades em um corpo que está situado em um mundo cuja lógica estrutural violenta suas formas de existência, mas que mesmo assim é símbolo reconhecido por uma comunidade – assim como os colaboradores desta pesquisa. Entende-los é também fazer o exercício de aprender como são lidos seus corpos e, ao mesmo tempo, ter a responsabilidade de não os ancorar a um conceito fixo e fechado de identidade que só os enclausura em estereótipos.

A multiplicidade é o lugar que em verdade são festejadas as existências de cada um e, dessa forma, torna-se a leitura das realidades mais honestas para que assim possam ser compreendidas as trajetórias que dão sentido às suas experiências na cidade. A construção dessas experiências na cidade está em relação contínua com suas identidades. A partir das vivências que aqui foram expostas, as identidades também podem ser observadas tendo a possibilidade de iniciar um desvelamento na internet, fazendo com que a experiência de existir na cidade também dialogue e esteja entre o construir uma existência com e na internet.

AMBIGUIDADES PULSANTES: ENRELACES DO CAMINHAR

A internet aparece na experiência dos colaboradores da pesquisa não como um simples espaço de mediação ou de reflexo do que ocorre na cidade. Ao se debruçar sobre as experiências deles na internet, principalmente nas redes sociais, é possível ver o estabelecimento de uma dinâmica própria. Ao mesmo tempo em que inseguranças são escalonadas e violências ocorrem, também se torna possível e surge o desejo de resistência, de construção de identidades com referências que ultrapassam os limites que a cidade pode oferecer.

Pensar a experiência e as sexualidades entre os trânsitos da internet com a cidade é olhar e assumir ambiguidades que pulsam, que demonstram se relacionar com a vida. Ao mesmo tempo em que se vê e se sente a comunidade e a representatividade, também de maneira igual há encontros com a violência.

Poucas vezes, assim como nas ruas da cidade, os encontros com a violência reverberada na internet podem ser evitados, tomando uma repercussão muitas vezes maior do que o fenômeno de desbravamento da existência na cidade, como observado na experiência de M. Na contramão desses passos, M. também parece refletir sobre uma possibilidade quase que proporcionalmente maior de resistência na internet, quando decide não apagar a foto com sua mãe e esbraveja que as pessoas não podem proibi-lo de existir também nesses espaços – já que na cidade isso ocorre constantemente com ameaças físicas e psicológicas que compõem suas travessias.

É nessa tessitura de emaranhados que se torna possível olhar para a experiência de ser gay na cidade de Campos dos Goytacazes, para os colaboradores da pesquisa que têm suas experiências na cidade entrelaçadas ao que também vivem na internet – e também ao contrário –, assumindo diferentes faces e intencionalidades nessa experiência.

REFERÊNCIAS

Bixa Preta. Intérprete: Linn da Quebrada. Single. São Paulo: Gravadora Altofone, 2017. Faixa única.

- Castells, M. *O poder da identidade: era da informação*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. v. 2.
- Colognese, S. A.; Mélo, J. L. B. A técnica da entrevista na pesquisa social. *Cadernos de Sociologia*, v. 9, n. 1, p. 143-159, 1998.
- De Paula, F. C. *Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França)*. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- Dussel, H. *Filosofia da Libertação na América Latina*. [S.l.:s.n.], 1977.
- Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Louro, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: Louro, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- Nogueira, F. A multiterritorialidade do consumo: um estudo da diversão noturna em Campos dos Goytacazes, RJ. In: Seminário Nacional Sobre Múltiplas Territorialidades e Seminário Internacional Sobre Microterritorialidades nas cidades, 4, 2016, Ponta Grossa. *Anais [...]*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016. v. 1, n. 1.
- Nunan, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- Santos, R. F. G. Visibilidades LGBTs na “Terra da TFP”: lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na imprensa campista (1975-2015). In: Encontro Nacional de História da Anpuh, 17., 2016, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Instituto Multidisciplinar da UFRRJ, 2016.
- Turra Neto, N. *Múltiplas trajetórias juvenis: território e redes de sociabilidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012
- Weeks, J. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2000.